



FESTIVAL
DE BRASÍLIA
40
anos

DOS SEIS AUTORES DOS LONGAS NA PRINCIPAL CATEGORIA DO FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO, QUE COMEÇA HOJE, CINCO JÁ CONQUISTARAM CANDANGOS

CONSTELAÇÃO DE CAMPEÕES

RICARDO DAEHN
DA EQUIPE DO CORREIO

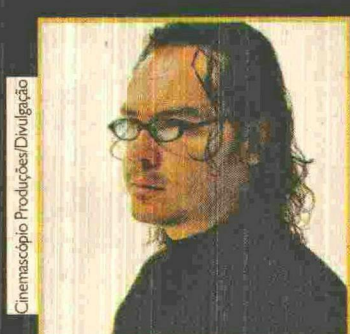
Em meio a um cenário de retração nas bilheterias de filmes nacionais, despido do caráter político (evidenciado na edição do ano passado), o quarentão Festival de Brasília do Cinema Brasileiro reafirma a aposta naquela que sempre foi sua vocação: a exibição de filmes com lastro autoral. Vitrine para veteranos do porte de Carlos Reichenbach e Julio Bressane, sem esquecer da onipresença de Glauber Rocha, no selecionado documentário *Anabazys* (no qual ganha condição de ator e co-realizador,

ao lado da dupla Paloma Rocha e Joel Pizzini), o festival ratifica a afirmação de nomes como Laís Bodanzky e José Eduardo Belmonte. Daniel Bandeira também areja o conjunto de filmes, a grosso modo pautado por tramas com relevo intimista. Na edição especial, reforçando o caráter histórico, uma curiosidade reúne cinco dos concorrentes, todos com produções premiadas com Candangos de melhor filme: Reichenbach, Bressane e Laís Bodanzky, em longas, e José Eduardo Belmonte e Joel Pizzini na seara dos curtas.

LEIA MAIS SOBRE FESTIVAL DE CINEMA NA | PÁGINA 2

40º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

Hoje, às 20h, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, sessão para convidados e apresentação da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. De amanhã ao dia 26, às 20h30 e às 23h30 (reapresentação), no Cine Brasília (EQS 106 / 107), longas em competição. Dia 27, sessão de encerramento, com premiações, no Teatro Nacional.



Cinemascope Produções/Divulgação

AMANHÃ | FRATERNIDADE CAÓTICA

“Não tenho a pretensão de definir o estado das coisas para ninguém”, enfatiza o estreante Daniel Bandeira, 28 anos. No longa *Amigos de risco*, feito com R\$ 198 mil e rodado em Recife, o pernambucano aprendeu com as limitações “a valorizar cada

uma das cifras”. A trama do filme se concentra numa caótica situação jogada nas costas de um grupo de amigos do protagonista, que, durante uma noite, passa mal. Sem muitos recursos, todos ficam ilhados. “Às vezes, há falta de percepção das

realidades que nos cercam e como elas, inevitavelmente, podem nos afetar. Estive interessado em aplicar uma lupa sobre os personagens e, de modo prático, em mostrar as adaptações das pessoas no dia-a-dia. O âmbito pessoal das

personagens, no filme, se associa à realidade social delas. Procurei não moldar muito o enredo”, conta o jovem cineasta. *Amigos de risco* traz no elenco o premiado ator Irandhir Santos (de *Baixo das bestas* e *A pedra do reino*).



Anderson Schneider/CB - 30/11/99

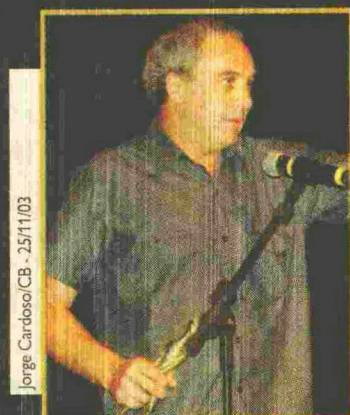
QUINTA-FEIRA | INTIMIDADE EM JOGO

Fugindo da tradição “centrada no abismo social” do cinema brasileiro (“estendida até nas chanchadas”), José Eduardo Belmonte comparece com *Meu mundo em perigo*, drama filmado em São Paulo e que enfoca a classe

média e o encontro de três pessoas. Inspirado no alerta de Jean-Luc Godard, que propôs atenção especial “aos pequenos e simples filmes que lançam luz sob o banal do cotidiano”, Belmonte apostou no tema com veia

européia (a família), mas numa escala de “tom menor” – o que não implica num filme menor, brinca. “Foi uma experiência intensa e maravilhosa, como acontece com aquelas bandas de garagem. O longa foi revelador em

tudo: da produção à interação com os atores”, avalia. Aguardando empatia dos espectadores do Cine Brasília, Belmonte não antevê leitura única. “É interessante quando o público contribui, revelando elementos dos filmes.”



Jorge Cardoso/CB - 25/11/03

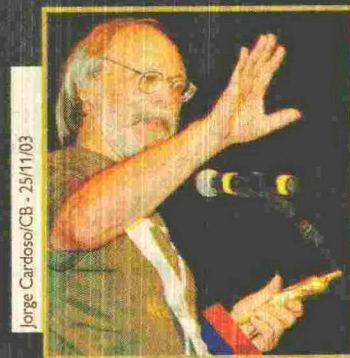
SEXTA-FEIRA | FORÇA LÍRICA

Depois de séculos de registros em latim, inglês e francês, a rainha egípcia ganha o traçado ousado de Julio Bressane, responsável pela exploração de mitos e personalidades enfocados nos anteriores *Sermões*, *São Jerônimo* e *Filme de amor*. “Trato de uma versão da lenda de Cleópatra e

os mitos fundadores são coletivos. O indivíduo se apropria e cria a representação deles. Cleópatra quase não existe na língua portuguesa, à exceção de alguns versos de Camões”, comenta Bressane. Avesso a generalizações, o diretor desconversa o caráter hermético de alguns dos seus filmes. “Se o

brasileiro (e aí, eu poria três pontos de interrogação sobre quem ele é...) estaria preparado para assimilar a obra, me parece especulação para a qual é necessária bola de cristal para responder”, comenta o cineasta, que conduziu, em *Cleópatra*, Alessandra Negrini, Miguel Falabella e Bruno Garcia. Sem

optar por tratamento intimista, ele completa: “Minha preocupação foi com o manto sonoro. A força do português está na lírica (com a expressão de intimidade) e não na épica, feita de ações heróicas. O filme traz o ponto de vista lírico, em que as imagens são produzidas pelo trágico e musical”.



Jorge Cardoso/CB - 25/11/03

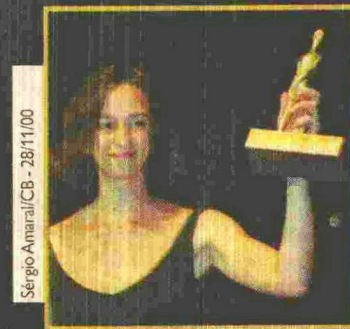
SÁBADO | ATREVIMENTO DE ARAQUE

“A protagonista aos poucos revela a própria fragilidade, enquanto os defeitos ficam mais expostos. O filme é um raconto, crônica dos povos amantes, com teor moral, mas não moralista”, comenta Carlos Reichenbach sobre *Falsa louca*, estrelado pela brasileira

Rosanne Mulholland. Detectando um sotaque do cinema italiano das décadas de 1960 e 1970, o diretor percebe a proximidade com títulos anteriores, como *Garotas do ABC*, *Anjos do arrabalde* e *Amor palavra prostituta*. O longa examina as relações absurdas e um tanto

descartáveis de uma proletária que reveza sentimentos entre um ídolo do pop rock (Cauã Reymond) e um “Julio Iglesias brasileiro” (Maurício Mattar). “Simara (a protagonista) – a princípio auto-suficiente, atrevida e até vulgar – está embrenhada em questões

universais e os episódios de vida dela vão desembocar num reforço de sua integridade. O filme faz a prospecção das grandes paixões efêmeras. No processo de sedução, a personagem trará sinais e cicatrizes, mas sairá enriquecida”, revela Reichenbach.



Sérgio Amaral/CB - 28/11/00

DOMINGO | A LÉGUAS DA NOSTALGIA

Apostando na identificação com o tema, independente da idade de personagens e espectadores, Laís Bodanzky espanta o pó da melancolia em *Chega de saudade*. À frente de quatro núcleos dramáticos, a paulista que

outrora debateu a situação manicomial e o hiato de diálogos entre gerações, na estréia com *Bicho de sete cabeças*, agora defende o universal ambiente dos salões de baile (“até mesmo para quem não dança”). “A tônica são

os sentimentos em jogo, no caso do filme cotidianos, mas nem por isso menos importantes. A questão da idade está em segundo plano”, conta a diretora. Ciente de que “o festival dará a cara ao filme”, Laís reafirma o caráter

impresso de mosaico, com participação de Leonardo Villar, Tônia Carrero, Paulo Vilhena, Maria Flor e Miriam Mehler. Ela sublinha o propósito de afugentar a nostalgia: “O próprio título já diz isso – trato do aqui e do agora”.



Erando Mathews/Especial para o CB - 1/12/04

SEGUNDA-FEIRA | SONORA RECONCILIAÇÃO

“É Glauber Rocha sendo ator de sua própria história”, alertou o diretor do Festival de Veneza, Marco Müller, quando assistiu ao documentário *Anabazys*, de Paloma Rocha e Joel Pizzini. Entre o dossiê imagético da feitura de *A idade da Terra* e reedições de cenas de *Barravento*, *O leão de sete cabeças* e de sobras de filmagens,

Pizzini explica o objetivo de “espelhar o pensamento do Glauber”, por meio polifônico, liberto da “cronologia e da linearidade, e das relações entre causa e efeito”. Longe da mera catarse, Paloma (filha de Glauber) explica a proposta: “É um processo maduro de restauração de um significado da obra, uma

recriação de memória num filme de reciclagem em que conseguimos deixar o Glauber próximo, então dividimos a criação com ele. Ele aparece mais despojado, mas sem ser folclórico ou pitoresco. O filme é político na ação cultural retratada e nos lados artístico e poético que se revelam. Responde a questões

que permaneceram obscuras por mais de três décadas”. Pizzini adianta que a fita “é um musical, com um Glauber de vários timbres e dicções, às vezes mais vibrantes, outras mais melancólicas”. No quesito surpresa, Glauber entoa *Divino maravilhoso* no set de Jean-Luc Godard.